

# **POR UMA TEOLOGIA DA ESPERANÇA: UMA LEITURA BÍBLICA E DOS DOCUMENTOS DA IGREJA CATÓLICA SOBRE A ESCATOLOGIA**

*FOR A THEOLOGY OF HOPE: A BIBLICAL AND CATHOLIC CHURCH DOCUMENTS READING ON ESCHATOLOGY*

*POR UNA TEOLOGÍA DE LA ESPERANZA: UNA LECTURA BÍBLICA Y DE DOCUMENTOS DE LA IGLESIA CATÓLICA REFERIDOS A LA ESCATOLOGÍA*

Fernanda Brito da Rocha<sup>1</sup>  
Márcio José Pelinski<sup>2</sup>

## **Resumo**

O objetivo deste artigo é apresentar o conceito da escatologia atual a partir de documentos da Igreja Católica, desde o Vaticano II até o pontificado do Papa Francisco. Por meio do método bibliográfico qualitativo como instrumento de pesquisa, discutem-se duas visões da escatologia aceitas pela igreja, mas opostas: a visão binária e a antropológica bíblica atual. Alerta-se também sobre perigos em torno da disciplina teológica sob influência de heresias muito parecidas com as combatidas pela igreja dos primeiros séculos, mas que permanecem motivo de preocupação apresentada nos documentos oficiais católicos. Apresenta-se também a importância dos ritos fúnebres no luto atualmente vivido em razão da Covid-19. O artigo aborda os fins últimos do ser humano — morte, céu, inferno, purgatório — e mostra que a busca pela salvação ainda é o grande objetivo cristão, a realização humana mais profunda, o encontro com Deus, seu criador, e a recompensa oferecida por Cristo pela fé professada.

**Palavras-chave:** esperança; escatologia; salvação; vida eterna.

## **Abstract**

This article purpose is to present the current eschatology's concept out of Catholic Church documents, from Vatican II to the Pope Francis pontificate. Through the qualitative bibliographical method as a research instrument, two views of eschatology accepted by the church are discussed, but opposed: the binary view and the current biblical anthropological view. It also warns about dangers surrounding the theology discipline under heresies' influence very similar to those combated by the church of the first centuries, but which remain a cause for concern presented in official Catholic documents. It also presents the importance of the funeral rites in the mourning currently experienced due to Covid-19. The article addresses the ultimate ends of the human being — death, heaven, hell, purgatory — and shows that the search for salvation stills the great Christian goal, the deepest human fulfillment, the encounter with God, its creator, and the reward offered by Christ for professed faith.

**Keywords:** hope; eschatology; salvation; eternal life.

## **Resumen**

El objetivo de este artículo es presentar el concepto de la escatología actual a partir de documentos de la Iglesia Católica, desde el Vaticano II hasta el pontificado del papa Francisco. Con el método bibliográfico cualitativo como instrumento de investigación, se discuten dos visiones de la escatología aceptadas por la Iglesia, pero opuestas: la visión binaria y la antropológica bíblica actual. Se advierte también sobre peligros relacionados con la disciplina teológica bajo la influencia de herejías muy parecidas con las combatidas por la Iglesia de los primeros siglos, pero que se mantienen como motivo de preocupación en documentos oficiales católicos. Presenta-se también la importancia de los ritos fúnebres en el luto vivido actualmente debido al Covid-19. El artículo trata los

---

<sup>1</sup>Bacharel em Teologia pelo Centro Universitário Internacional (Uninter). E-mail: fernanda1303brito@hotmail.com.

<sup>2</sup>Mestre, Especialista e Bacharel em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Professor do Bacharelado em Teologia Doutrina Católica do Centro Universitário Internacional (UNINTER).E-mail: marciopelinski@hotmail.com.

destinos últimos del ser humano — muerte, cielo, infierno, purgatorio — y muestra que la búsqueda de la salvación aún es el gran objetivo cristiano, la realización humana más profunda, el encuentro con Dios, su creador, y la recompensa ofrecida por Cristo por la fe profesada.

**Palabras-clave:** esperanza; escatología; salvación; vida eterna.

## 1 Introdução

Diante de um mundo tão misto e individualista, onde a maior busca do ser humano é a razão, deparamo-nos com a fé professada, diversificada e pregada por muitos com diferentes compressões da escatologia, isto é, da esperança das coisas futuras. Boff (2012) traduz a escatologia como “o tratado teológico relativo às realidades últimas, aquelas que dizem respeito ao destino seja do ser humano, seja de toda criação” (BOFF, 2012, p. 11). Portanto, a escatologia na ciência teológica trata dos fins últimos do ser humano e do cosmos.

O que vem após a morte? Como são os chamados “céu”, “inferno” e “purgatório” (na perspectiva católica)? Os seres humanos serão julgados, condenados, dignos da eternidade? Alcançarão a salvação? Qual a esperança que os move? Apesar de tantas perguntas, o tema da escatologia ainda é um assunto pouco discutido e bastante temido. A Escatologia cristã visa ensinar, orientar e preparar para o futuro, mas para isso é necessário adentrar o tema da morte, a maior certeza e o maior medo do ser humano. Por fim, a Escatologia traz a compreensão e a esperança de um mundo iluminado pela fé, o sentido a um futuro absoluto na trajetória da humanidade e de seu destino final.

Neste artigo, apresentam-se conceitos subsidiários da compreensão escatológica atual, como o relativismo, o niilismo, o secularismo, o ateísmo, além da perspectiva do Vaticano II, a respeito da salvação para a humanidade e como se porta atualmente, através dos documentos *Dei Verbum*, *Lumen Gentium* e *Gaudium et Spes*. Ademais, a visão do Papa Francisco na carta encíclica *Laudato' Si* também mostra as mudanças atuais, principalmente o descaso com o planeta e com o seres vivos, a frieza em que se encontra a humanidade.

Comparam-se também duas perspectivas escatológicas: 1) a visão binária, antigamente chamada dualista, e a 2) antropológica bíblica atual, ambas aceitas pela Igreja, mas bem distintas, sobretudo, a respeito do juízo particular e do purgatório. Neste contexto ainda se inserem os temas da morte, do inferno e a perspectiva do céu nos fins últimos do ser humano. Por último, apresenta-se o sentido da salvação para a Igreja expresso no Catecismo da Igreja Católica (CIC 1992) e na *Placuit Deo*, documento em que o Papa Francisco aponta algumas precauções contra as influências do gnosticismo e do pelagianismo, heresias combatidas nos primeiros séculos, mas ainda vivas e presentes nos dias de hoje. Além disso, há uma breve

introdução sobre a importância das religiões e de seus ritos fúnebres para melhor aceitação durante luto, atualmente vivido por muitas famílias diante da pandemia do Covid-19.

## **2 A escatologia – elementos introdutórios**

### **2.1 Elementos introdutórios**

Diferentemente da influência maior que a religião exercia nas pessoas em séculos anteriores, o afastamento atual e até negação da religião parecem colocar em segundo plano a questão escatológica, como se a modernidade tentasse se libertar de estruturas de um mundo anterior a ele, que valorizou por vezes mais o céu à terra, à alma ao corpo, e a morte mais do que a vida. Assim, o ser humano se tornou imediatista, a viver como se não houvesse o transcendente e tudo terminasse com a morte, em uma tentativa de anular a crença na vida eterna, sem dar conta que a vida presente só tem maior sentido como compreendido pela perspectiva cristã.

O aprofundamento em relação à escatologia conduz a valorização do presente, fornece orientação para agir e ser, como semeadura terrena para uma colheita na vida eterna, porquanto as escrituras determinam “[...] que os homens morram uma só vez em seguida vem o juízo” (Hb 9,27). Esta é a compreensão de que o reino de Deus e a salvação do ser humano começam aqui, hoje. Segundo Boff (2012, p. 12-13):

A tendência da cultura moderna é privilegiar o tempo histórico (temporalismo) e não a vida “depois da morte”, a terra (terrenismo) e não o céu. Dando as costas ao futuro escatológico, as sociedades modernas se concentram na construção do futuro histórico. Estamos na terra do relativismo e do niilismo, que dele recorre. Na sua raiz está o secularismo ou ateísmo como estilo de vida. É comportar-se “como se Deus não existisse” ou viver sob o signo da morte de Deus.

As pessoas estão preocupadas com trabalho, casa, dinheiro, festas, beleza, saúde, esquecem-se de sua espiritualidade e perdem ou invertendo valores, virtudes. Estas compreensões errôneas e em desacordo com a perspectiva cristã contribuem para o agravamento desta realidade.

### **2.2 A compreensão da escatologia nos tempos atuais**

A seguir, explicam-se alguns conceitos para compreender a sociedade atual, bem como suas influências sobre tal sociedade e o ser humano.

No *relativismo*, o ponto de vista não parte de verdade absoluta ou intrínseca, mas de valor apenas relativo, conforme a percepção e consideração das partes; o *niilismo* sustenta uma visão cética radical em relação à interpretação da realidade, e o *secularismo* é um processo em que a religião perde a influência sobre as variadas esferas da vida social, como é o caso de sua separação do Estado, afirmado laico, livre do ensinamento religioso. O *ateísmo* é o mais presente hoje, consiste na ausência de crença, ou de Deus. Quanto a isto, o Concílio Vaticano II chamava a atenção na *Gaudium et Spes*:

Enquanto alguns negam expressamente Deus, outros pensam que o homem não pode afirmar seja o que for a seu respeito; outros ainda, tratam o problema de Deus de tal maneira que ele parece não ter significado. Muitos, ultrapassando indevidamente os limites das ciências positivas, ou pretendem explicar todas as coisas só com os recursos da ciência, ou, pelo contrário, já não admitem nenhuma verdade absoluta. Alguns exaltam de tal modo o homem, que a fé em Deus perde toda a força, e parecem mais inclinados a afirmar o homem do que a negar Deus. Outros, concebem Deus de uma tal maneira, que aquilo que rejeitam não é de modo algum o Deus do Evangelho. Outros há que nem sequer abordam o problema de Deus: parecem alheios a qualquer inquietação religiosa e não percebem por que se devem ainda preocupar com a religião. Além disso, o ateísmo nasce muitas vezes dum protesto violento contra o mal que existe no mundo, ou de se ter atribuído indevidamente o caráter de absoluto a certos valores humanos que passam a ocupar o lugar de Deus. A própria civilização atual, não por si mesma, mas pelo fato de estar muito ligada com as realidades terrestres, torna muitas vezes mais difícil o acesso a Deus. (GS, n. 19).

E ainda conclui dizendo que a Igreja não pode deixar de reprovar teorias e movimentos que negam ou afastam de Deus, como já fez no passado, pois, destroem o ser humano. Desde o cristianismo nascente, o pensamento cristão tenta mudar essa perspectiva, e ativar na humanidade o desejo e a esperança na salvação, que começa na história e se plenifica em Deus.

### 2.3 Compreensões sobre elementos da escatologia do Vaticano II aplicados aos tempos atuais

O Concílio Vaticano II traz aos cristãos alguns documentos que enfatizam a salvação, e aludem ao tempo presente, com a humanidade em constante desenvolvimento graças as descobertas científicas, e cada vez mais afastada de seu futuro escatológico. Veja-se a seguir o que dizem cada um desses documentos.

Em primeiro lugar, a Constituição Dogmática *Dei Verbum* (1965) fala sobre a revelação divina, ato consumado e caminho para a eternidade, em que Cristo, enviado como homem, fala com as palavras de Deus e consuma a salvação com sua própria morte e ressurreição, revelando que Deus sempre esteve com os homens para libertá-los do pecado e da morte, de modo que todo aquele que nele crê ressuscite para a vida eterna, ao desejar a salvação que Deus reservou ao ser humano. Jesus continua o plano salvífico de Deus durante sua vida terrena quando ensina

os caminhos para a salvação da alma, cuja herança aos discípulos é a própria igreja, considerada esposa do Messias. Esta, atualmente, continua a seguir esse plano, ao venerar e obedecer à Sagrada Escritura e acreditar que a revelação abre portas à redenção eterna (DV, n.4; 14 e 23).

A Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (1964) apresenta a Igreja como sacramento de salvação e como reino de Deus já presente em mistério: “Sempre que no altar se celebra o sacrifício da cruz, na qual «Cristo, nossa Páscoa, foi imolado» (1Cor 5,7), realiza-se também a obra da nossa redenção. Pelo sacramento do pão eucarístico”( LG, n.3). Cristo é o mediador e o caminho para salvação e está presente em seu corpo místico na igreja, tornada indispensável para a salvação, a cujo ser humano tem acesso através do batismo, em que aceita e participa dos meios de salvação instituídos (n.03; §14). Ambos documentos advertem que todos sejam vigilantes, pois, o próprio Cristo trouxe a salvação, basta buscá-la, manter-se firme na fé, acreditar em Jesus como salvador e na igreja como porta de entrada. Contudo, o ser humano dedica cada vez menos de seu tempo a Deus e à Igreja, como afirmado nessa constituição:

Como não sabemos o dia nem a hora, é preciso que, segundo a recomendação do Senhor, vigiemos continuamente, a fim de que no termo da nossa vida sobre a terra, que é só uma (cfr. Hb 9,27), mereçamos entrar com Ele para o banquete de núpcias e ser contados entre os eleitos (cfr. Mt 25,51-46), e não sejamos lançados, como servos maus e preguiçosos (cfr. Mt 25,26), no fogo eterno (cfr. Mt. 25,41), nas trevas exteriores, onde «haverá choro e ranger de dentes» (Mt. 22,13; 25,30). Com efeito, antes de reinarmos com Cristo glorioso, cada um de nós será apresentado «perante o tribunal de Cristo, a fim de ser remunerado pelas obras que realizou enquanto vivia no corpo, boas ou más» (2 Cor 5,10); e, no fim do mundo, «os que tiverem feito boas obras, irão para a ressurreição. (LG, n° 48).

A salvação está ao alcance de todos aqueles que buscam, mas, como menciona o excerto, requer vigilância, atenção aos sinais dos tempos, pois, diversas vezes o ser humano tenta enquadrar Deus em sua vida, quando o correto é se enquadrar nos ensinamentos dele, seguindo o que Jesus deixou, ele é a salvação! Seguir seus passos, seus conselhos, ou simplesmente amar, como disse o próprio Jesus: “Amai uns aos outros. Como eu vos amei [...]. Nisto reconhecerão todos que sois meus discípulos”. (Jo13, 34-35). Caso contrário, perecerão eternamente.

A Constituição Dogmática *Gaudium et Spes* (1965) mostra a preocupação com a salvação do homem, pois, atualmente, diante do progresso existente, gradualmente o homem se distancia de sua salvação, porém, o documento busca voltar-se para o que verdadeiramente importa ao homem, “[...] criado por Deus para um fim feliz, para além dos limites da miséria terrena”(GS, n. 13), visto que “nada serve ao homem ganhar o mundo inteiro, se a si mesmo se vem a perder” (GS, n. 22). O documento ainda reforça a importância da igreja na salvação da humanidade:

O único fim da Igreja é o advento do reino de Deus e o estabelecimento da salvação de todo o gênero humano. E todo o bem que o Povo de Deus pode prestar à família dos homens durante o tempo da sua peregrinação deriva do fato que a Igreja é o «sacramento universal da salvação», manifestando e atuando simultaneamente o mistério do amor de Deus pelos homens. (GS, n. 23-24).

Essa preocupação com a atualidade apresentada na GS é cada dia mais visível na Igreja, que representa o sacramento de salvação que alerta ao homem moderno sobre seu comprometimento com as coisas de Deus. Na Carta Encíclica *Laudato' Si* (2015), o papa Francisco também alerta para as mudanças do mundo de hoje, principalmente em relação ao planeta Terra, casa comum deixada por Deus para ser cultivada, e não poluída, degradada e destruída devido ao egoísmo do ser humano, cuja satisfação imediata prejudica o futuro de seus filhos e de todos os seres vivos. O papa pede uma conversão ecológica, “para que o crente contemple o mundo, não como alguém que está fora dele, mas dentro, reconhecendo os laços com que o Pai nos uniu a todos os seres”(LS, n. 220), até porque “o universo desenvolve-se em Deus, que o preenche completamente” (LS, n. 233). Quando o ser humano se une a essa casa e cuida dela, o faz também por sua vida eterna, pois, o reflexo de Deus está em tudo que existe — e assim fortalece em seu coração o desejo de adorar a Deus e buscar a salvação, que só pode ser alcançada pela fé, invisível, e por vezes confrontada com o planeta, com a ciência e com o mundo.

A Sagrada Escritura diz que: “As coisas que se vêem são temporárias e as que não se vêem são eternas” (2 Cor 4,18). Fazer o ser humano acreditar nas coisas ocultas é um dos grandes obstáculos enfrentados pela igreja, pois, a fé é algo além da compreensão. Contudo, há necessidade urgente de propagação do evangelho, não se pode amar e nem acreditar naquilo que não se conhece, e tal conhecimento vem através da palavra de Deus porque “é viva, eficaz e mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes; penetra até dividir alma e espírito, juntas e medulas” (Hb 4,12).

E só pela fé os seres humanos podem ser seres escatológicos e compreenderem estar nesse mundo de passagem, sua esperança é a eternidade, Jesus veio para trazer esperança e traçar o plano de salvação de Deus para a humanidade. Sobre este tema, contribui o estudo de Blank (2001, p. 92):

A escatologia cristã das últimas décadas abriu, às pessoas de hoje, novos horizontes de esperança. Horizontes cuja base se encontram na dinâmica de um Deus histórico, na esperança num Deus que conduz essa história, na convicção de que o fim último dessa história só pode ser a realização plena daquilo que chamamos “o plano salvífico de Deus”.

Na história da salvação, Deus sempre trouxe esperança para seu povo. Quando envia seu Filho Jesus Cristo para redenção da humanidade (cf. Jo 3,16), mostra que a morte foi vencida pela vida, na ressurreição do próprio Cristo, que promessa de vida eterna e salvação a todos aqueles que crerem, como diz o CIC, “Crer na ressurreição dos mortos, foi desde o início, um elemento essencial da fé cristã. [...] A confiança dos cristãos é a ressurreição dos mortos; crendo nela, somos cristãos” (CIC, 2017, n. 991). Ademais, “A ressurreição dos mortos foi revelada progressivamente por Deus ao seu povo” (CIC, 2017, n. 992), e, ligada à pessoa de Jesus Cristo: “Eu sou a ressurreição e a vida” (Jo 11,25), pois é ele que no último dia há de ressuscitar os que nele acreditarem e assim alcançarão a salvação eterna (CIC, 2017, n. 288-997). Entretanto, ao falar de ressurreição e salvação, adentra-se a questão dos fins últimos do ser humano, isto é, morte, juízo, inferno, paraíso e purgatório. Entre esses fins, a morte abre portas para o estado definitivo do ser humano. Portanto, o que é a morte?

A morte é o ponto final da vida terrena, passagem para o estado definitivo da alma. Para a maior parte da humanidade isto é motivo de pavor, e só tem sentido a partir da fé na ressurreição e na vida eterna, visto que a luz da fé marca o fim do estado de peregrinação com o fim da possibilidade de escolha do ser humano, porque a decisão tomada em vida é definitiva após a morte. O Catecismo da Igreja Católica, em seu n.º 1007, diz:

A morte é o termino da vida terrestre. Nossas vidas são medidas pelo tempo, ao longo do qual passamos por mudanças, envelhecemos e como acontece com todos os seres vivos da terra, a morte aparece como o fim normal da vida. Este aspecto da morte marca nossas vidas com um caráter de urgência: a lembrança de nossa mortalidade serve também para recordar de que temos um tempo limitado para realizar nossa vida: “Lembra-te de teu criador nos dias de tua mocidade [...] antes que volte ao pó da terra, de onde veio, e o espírito retorne a Deus, que o concedeu (Ecl12,1-7). (1992, p. 284)

Embora uma certeza, o homem rejeita a ideia da morte, por ser fruto do pecado, e não desígnio de Deus. Tornou-se, portanto, sua maior inimiga e seu maior medo, pois, “o homem tentado pelo Diabo, deixou morrer em seu coração a confiança em seu criador e, abusando de sua liberdade, desobedeceu ao mandamento de Deus. Nisso consistiu o primeiro pecado do homem” (CIC, n. 397).

O Credo Apostólico é uma das fórmulas sintética que expressam a Profissão de Fé cristã. Em seu último artigo, esta fórmula expressa o “Creio na vida eterna”. Tal crença, para os que assumem a fé cristã, é um olhar de esperança, mas, infelizmente, as compreensões errôneas da fé cristã desviam as pessoas da perspectiva da morte em vista da vida eterna. Compreendida assim, a morte assumiria seu sentido positivo para todos, e o medo não existiria, por ser uma passagem para a eternidade. Segundo Aquino (2017):

Para alguns, a morte é dolorosa como um fim de festa. Daí o esforço da sua negação. Até falar da morte, por vezes, torna-se proibido. Mas, para quem crê, a morte é a chegada em Deus de modo “pleno”. Deve-se iluminar o mistério da morte cristã com a Luz de Cristo Ressuscitado. É diante do enigma da morte que se agiganta a figura de Cristo, pois Ele e só Ele, venceu a morte e os ateus; entre os otimistas e os desesperados (AQUINO, 2017, p. 17).

Os cristãos não devem temer a morte e nem se desesperar, mas crer na ressurreição e redenção, porque a morte finda as dores e o sofrimento, e se inicia a glória de Deus.

#### 2.4 Escatologia – juízo e purgatório

Na escatologia, os temas juízo particular e purgatório são bastante amplos e complexos. Citam-se aqui duas visões teológicas sobre este tema. Blank (2000) as explica da seguinte forma: a primeira, “antigamente chamada de dualista, hoje mais conhecida como modelo binário, defende que a essência do homem é a alma espiritual. Esta alma é imortal e, na morte, se separa do corpo para continuar sua existência sem vínculo material” (BLANK, 2000, p. 77).

Ademais:

Na morte, a alma se separa do corpo e entra numa nova dimensão, chamada eternidade. Nesta nova dimensão, a alma da pessoa está sendo julgada por Deus no assim chamado juízo particular. Conforme o resultado desse juízo, a alma ou entra diretamente no inferno, ou, depois de ter passado talvez pelo purgatório, entra no céu. Ela aguarda numa situação de felicidade ou de tormento a chegada do juízo final. Quando o momento deste segundo juízo chegar, acontecerá também a ressurreição do corpo. (BLANK, 2000, p. 75).

Essa compreensão ainda é aceita pela igreja, mas Blank explica que, a partir do século 20, abriu-se discussão mais acentuada sobre as visões antropológica e bíblica atuais, a partir do conceito segundo o qual “a alma, de fato, não pode ser compreendida em termos de uma substância separada do corpo. Ela pelo contrário, deve ser compreendida como princípio integrativo do ser humano” (BLANK, 2000, p. 82). Portanto, se um não pode existir sem o outro, após a morte a alma não pode se separar do corpo, de modo atravessa-se outra dimensão, chamada eternidade, onde o tempo não existe, e por isto não pode haver nenhum acontecimento, de maneira que somente no final dos tempos acontecerá a ressurreição do corpo, como ensina a igreja: “fica evidente que tudo aquilo que acontece com o ser humano na sua morte e ‘depois’ desta morte nunca acontece só com a alma, mas sempre com a pessoa humana em sua totalidade” (BLANK, 2000, p. 117). Por não existir mais o tempo, viver-se-á o juízo final no momento da morte (BLANK, 2000, p. 82-110;117;144).



Ambas as visões são aceitas pela Igreja, desde que bem compreendidas, embora sejam bem diferentes.

O chamado juízo após a morte é o encontro com Cristo, em que este julgará as atitudes e decisões tomadas em vida, “porquanto todos nós teremos de comparecer manifestamente perante o tribunal de Cristo, a fim de que cada um receba a retribuição do que tiver feito durante sua vida no corpo, seja para o bem, seja para o mal” (2 Cor 5,10).

O juízo particular é parte da visão binária, segundo a qual cada alma será julgada particularmente e no juízo final. Após a morte, o corpo se separa da alma (AQUINO, 2017, p. 21), “o corpo, já cadáver, se degrada, enquanto a alma se separa do corpo e sobrevive a ele” (BOFF, 2012, p. 32). Com este pensamento contribui Aquino ao dizer que, logo após a morte, a alma vai para seu julgamento particular, e em seguida para o céu, se morreu na amizade de Deus pura e sem vestígios de pecado — ou pode ficar em estado de purgação, para adquirir a pureza necessária — ou ser remetida ao inferno. Assim, espera-se o juízo final, que acontecerá na Parusia de Jesus, quando ele voltar, e todos ressuscitarão, os justos e os injustos. Com seu destino já definido (AQUINO, 2017, p. 78;130), o corpo volta ao pó, “pois tu és pó e ao pó voltarás.” (Gn 3,19).

Nas duas visões sobre juízo final, acredita-se que tudo será revelado, a verdade sobre cada homem, far-se-á toda a justiça e a “hora em que todos os que repousam nos sepulcros ouvirão a sua voz e sairão; os que tiverem feito o bem para uma ressurreição de vida; os que tiverem praticado o mal, para uma ressurreição de julgamento”(Jo5, 28-29). Quando tal dia chegar, feliz será o homem que alcançar a salvação, pois, dele será o reino dos céus.

Sobre o purgatório, existente apenas na visão binária desde o século III d. C., encontram-se menções no Catecismo da Igreja Católica:

Os que morreram na graça e na amizade de Deus, mas não estão completamente purificados, embora tenham garantido sua salvação eterna, passam após sua morte, por uma purificação, a fim de obter a santidade necessária para entrar na alegria do céu. (CIC, n. 1030).

Portanto, o purgatório é visto como estado temporário de purificação em que ficam os indivíduos após a morte, e não como um lugar, visto que o tempo na eternidade não é igual ao terreno: “é que para o Senhor um dia é como mil anos e mil anos como um dia.” (2Pd 3,8). O Purgatório é muito importante à salvação, apesar de já se ter certeza da salvação. Os que nele se encontram sofrem pelo impedimento de ver e unir-se ao amor de Deus, em razão da necessidade de purificação de vestígios do pecado, segundo a visão binária.

Nessa visão, o Purgatório não é castigo às almas, mas permissão da misericórdia divina, pois, sem santidade, nenhuma alma pode ver a Deus. A santa igreja constituiu a doutrina do Purgatório como dogma de fé, que não é mencionado na Bíblia, mas, através da tradição da igreja, interpreta-se o fogo como purgação, “aquele, porém, cuja obra for queimada perderá a recompensa. Ele mesmo, entretanto, será salvo, mas como que através do fogo” (1Cor3,5), “pois todos serão salgados com fogo. O sal é bom. Mas se o sal se torna insípido, como retemperá-lo? Tende sal em vós mesmos e vivei em paz com os outros” (Mc 9,49). Conforme Nascimento (2020, p. 145):

O Purgatório pode ser compreendido, portanto, como um espaço em que todos os limites são vencidos, todos os defeitos, as imperfeições, todas as inconsistências, tudo consumado para chegar à perfeição no encontro divino, com Deus, no qual o amor definitivo de Deus se sobressai.

Portanto, diante da visão binária, o purgatório existe como estado de regeneração do ser humano, mas, na antropologia atual, não é mencionado. O inferno é um lugar de condenação, de grande e eterno sofrimento, e um dos mais temidos pelos cristãos em ambas as visões. O ser humano tem medo da morte por fixar suas raízes nesta vida, dedica-la todo seu amor e apego. Quanto a isto, o Catecismo da Igreja Católica diz o seguinte:

Não podemos estar unidos a Deus, se não fizemos livremente a opção de amá-lo [...], morrer em pecado mortal, sem ter se arrependido dele, e sem acolher o amor misericordioso de Deus significa ficar separado do todo-poderoso para sempre [...]. A este estado de auto exclusão definitiva da comunhão com Deus e com os bem-aventurados se designa com a palavra “inferno”. (CIC, n. 1033).

Conforme alusões ao inferno encontradas na Escritura, trata-se de lugar onde não existe mais esperança, não se pode mais amar, é uma vida sem Deus, de escuridão, iluminada apenas pelas chamas do “fogo eterno” (Mt 18,8;25;41), há choro e ranger de dentes (Mt 18,12; Lc13, 28), é uma escolha sem volta, ou melhor, é a consequência das escolhas feitas em vida. Sobre o assunto, Boff (2012, p. 95) diz o seguinte:

É o mundo dos egoístas, dos que vivem só para si mesmo e que são por isso condenados a viverem para sempre assim, na solidão de seu eu. O inferno seria a confirmação eterna de seu egoísmo, como se Deus sentenciasse: “Eu te condeno a não mais amar senão a ti mesmo! (2012, p. 91-92) Depois da morte, acabou-se o tempo das decisões que determinam a direção de uma existência. Como os justos juntos no céu são “confirmados” na graça, os condenados no inferno são confirmados na desgraça.

Portanto, como diz Boff, o egoísmo, a falta de amor são decisões e escolhas que se refletem na eternidade, pois, após a morte, a condenação ou salvação será somente a

consequência de tudo que o ser humano escolheu viver. Se Deus quer a salvação de todos, qual é a origem do Inferno?

O inferno não é de forma alguma criação de Deus, mas do homem, que peca, do homem egoísta, mau, fechado em si mesmo, orgulhoso, ganancioso, depravado, que odeia o irmão, que mata que rouba, que adultera, glutão, preguiçoso, invejoso... Isso cria o inferno (AQUINO, 2017, p. 128).

Ao contrário do Inferno, o Céu, também conhecido como paraíso, é um lugar onde não há guerras, nem doenças, nem tristezas, nem morte. Almejado e desejado por todos os cristãos, foi prometido por Jesus como morada eterna, “universo novo”, Jerusalém celeste, na qual Deus terá sua morada entre os homens. Ele enxugará toda lágrima dos seus olhos. A “morte não existirá mais, e não haverá mais luto, nem grito, nem dor, porque as coisas anteriores passaram” (Ap 21,14. No Catecismo, “O céu é o fim último e a realização das aspirações mais profundas do homem, o estado de felicidade suprema e definitiva” (CIC, n. 1024).

Por toda vida o ser humano tenta construir seu paraíso na terra, almejando sempre mais e mais, e nunca encontrando a felicidade necessária, pois, seu apego está nas coisas do mundo, quando deveria estar nas coisas de Deus.

O tesouro e o coração do santo estão no céu, o qual ele sabe que conquista aqui na terra, por isso ele não é um alienado. A vida presente é “tempo de graça” que Deus nos dá acumular nos Céus, com mérito de nossas boas obras. Por isso é preciso aproveitar bem o tempo presente que se chama “hoje”. Após a morte não será mais possível adquirir méritos. A vida do cristão, sem a expectativa do céu, é uma frustração, é uma ilusão. E esta é a razão porque tantos cristãos são tristes; falta-lhes a esperança cristã da vida que não acaba (AQUINO, 2017, p. 145 - 146).

Portanto, a vida eterna, consumada no Céu, consiste em uma união total com Deus para contemplá-lo face a face e viver a felicidade eternamente, livre de todo e qualquer tormento.

## 2.5 O Sentido da Salvação para a Igreja no CIC e na *Placuit Deo*

O conceito de “Salvação” é desenvolvido ao longo de toda a Bíblia, constituída desde o início com as experiências do povo de Israel. Refere-se à libertação de um estado ou condição indesejável, como podemos perceber no Antigo Testamento, com a passagem do êxodo em que Deus liberta seu povo das mãos do faraó, mas também faz referência à salvação da alma, liberta da condenação eterna. A palavra salvação também transmite a ideia de cura, redenção, resgate, porque “Deus não se contentou em libertar Israel da ‘casa da escravidão’ (Dt 5,6) fazendo-o sair do Egito. Salva-o também do teu pecado. Por ser o pecado sempre uma ofensa feita a Deus, só ele pode perdô-lo” (CIC, n. 431).

O Papa Francisco, em sua carta *Placuit Deo* (2018), fala sobre alguns aspectos da Salvação cristã, como do cuidado que o cristão precisa ter, sobretudo, em relação a dois desvios muito parecidos com duas heresias do início dos séculos, isto é, o gnosticismo, “cujo mesmo, apresenta uma salvação meramente interior, fechada no subjetivismo”(n.3,§5), e o pelagianismo.

[...] onde o homem, radicalmente autônomo, pretende salvar-se a si mesmo sem reconhecer que ele depende, no mais profundo do seu ser, de Deus e dos outros. A salvação é então confiada às forças do indivíduo ou a estruturas meramente humanas, incapazes de acolher a novidade do Espírito de Deus e ambas descaracterizam a confissão de fé em Cristo, único salvador universal, e estão se propagando pelo mundo (n.3,§4).

Diante dessa situação, o Papa afirma que a Salvação é a união do homem com Cristo. Além disso, a salvação plena da pessoa requer estar em comunhão com o pai em tudo que fizer, pois, a vocação última do homem é a divina (n. 13). A Salvação, segundo o Papa, não diz respeito somente à interioridade, mas à pessoa inteira, corpo e alma, e nunca deixou de ser oferecida por Deus aos homens. Segundo o evangelho, a salvação começa com o acolhimento de Jesus, quando são obedecidas suas palavras e seu exemplo, o caminho para Deus. Portanto, a salvação significa receber o espírito e se incorporar a Cristo, Salvador e Salvação (*Placuit Deo*, n. 11-18), enviado por Deus para “a salvação integral, da alma e do corpo, é o destino final ao qual ele nos chama” (PD, n. 25).

O Catecismo da Igreja Católica ensina que Deus decidiu abrir os caminhos da salvação, desde o princípio, cuidando de todos e dando a vida eterna a quem perseverar a prática de suas obras e buscar a salvação. Por conta disso, chamou Abraão para ser pai de um grande povo, além de Moisés e os profetas, para que o ser humano o reconhecesse como Deus único e verdadeiro, preparando o povo para aguardar o salvador por meio dos evangelhos. Mesmo assim, o homem continua ferido pelo pecado, porém, Cristo traz o dom da salvação, e para alcançá-la basta pedir, recorrer aos sacramentos, amar o bem, evitar o mal e sempre acreditar na força do Espírito Santo (CIC, n. 54; n. 1811). O catecismo mostra ainda que Jesus deixou explícito todo um plano de salvação em uma só oração, o “Pai nosso”: no início, glorifica-se o pai, depois roga-se pela vida terrena, e “ao pedir ‘santificado seja o vosso nome’ entramos no plano de Deus, a revelação de seu nome” (n. 2858). No segundo pedido, “venha a nós o vosso reino”, almeja-se a volta do Cristo, o reino de Deus, e, ao proclamar-se “seja feita a vossa vontade”, pede-se “ao nosso Pai para que una nossa vontade à de seu filho, a fim de realizar seu plano de salvação na vida do mundo”(n. 2860). Assim, pede-se pelo pão de cada dia, isto é, o alimento para o corpo, bem como para espírito, o pão que concede vida eterna, a eucaristia, o

banquete antecipado. No fim da oração, implora-se a misericórdia de Deus, com seu perdão e com o dom de perdoar, pedindo ainda o livramento da tentação e de todo mal que persiga e comprometa o plano de salvação de Deus. Finaliza-se com um amém, *assim seja*, de modo que se desfrute de toda misericórdia divina, todo amor que exala do coração de Deus Pai (cf. CIC, n. 54; 1811; 2858-2865).

## 2.6 A importância da religião e dos ritos fúnebres no contexto de morte e de luto

Na visão da doutora Kübler-Ross, os pacientes terminais passam por cinco estágios: 1) negação e isolamento; 2) raiva; 3) barganha; 4) depressão; e 5) aceitação (KÜBLER-ROSS, 1981). Segundo a autora, “a única coisa que geralmente persiste, em todos estes estágios, é a esperança” (KÜBLER-ROSS, 1981, p. 154). Percebe-se que, mesmo diante do medo da morte, o ser humano não perde a esperança, e graças a isto os familiares se sustentam em suas crenças sobre a vida após a morte para suportarem uma perda dolorosa.

A religião e a fé desenvolvem papéis fundamentais tanto na recuperação de pacientes quanto no luto vivido por familiares. Segundo Cervelin e Kruse (2015, p. 7616):

Durante doenças crônicas ou terminais, pacientes e familiares frequentemente se apoiam em crenças religiosas ou espirituais como forma de encarar as dificuldades, encontrar conforto, esperança e força. Devido a isso, a espiritualidade e a religiosidade são importantes no cuidado de pessoas que têm doenças sem possibilidade de cura. Por outro lado, tais enunciados geram uma rede discursiva que produz efeitos de verdade”.

Diante disso, percebe-se o grande poder da religiosidade sobre a morte, seus ritos, suas orações, e suas ações ajudam a enfrentar doenças, assim como o luto.

Todas as religiões têm seus ritos fúnebres, também chamados de funeral, exéquias, velório, isto é, uma cerimônia com ritos e orações que acompanham seus defuntos até a sepultura. Esses rituais de despedida contribuem para o conforto familiar. Antropologicamente, é necessário que o fim seja concretizado com esses ritos, como o velório. Embora doloroso para a família, é o momento em que todos recebem o carinho dos amigos e conhecidos para se despedir.

Atualmente, com a pandemia mundial causada pelo Covid-19, mais de 500 mil pessoas perderam suas vidas no Brasil. Por causa da pandemia, tomaram-se muitas providências, como proibir aglomerações, a exemplo das ocorridas em ritos fúnebres. Estes, contudo, permitem as famílias amenizarem sua dor e seu sofrimento. Com a falta destes ritos, ocorre um enterro solitário, sem a típica preparação do corpo com uma roupa escolhida pela família. O defunto é

colocado em um saco plástico e depois em um caixão lacrado, e o velório dura entre 30 minutos a 2 horas, a depender da região. O número limitado de pessoas no sepultamento torna a despedida mais dolorosa e triste. É um triste fim repleto de desesperança.

### **3 Considerações finais**

Mesmo diante de tantas dificuldades, a igreja e os cristãos tentam se adequar a realidade atual e buscar novas estratégias de evangelização para aumentar o desejo da humanidade pela salvação, mesmo quando a escatologia parece ser um paradoxo para muitos. Com estes estudos, percebe-se o afastamento humano de Deus, o confronto entre duas visões existentes na atualidade, isto é, a binária e a antropológica, como demonstra Blank sobre esta última visão atualmente, que descontextualiza a existência do purgatório, do julgamento particular, visando o homem como ser composto de corpo e alma inseparáveis, oposto da visão binária pregada pela igreja por muitos anos.

Também se pode ver a preocupação da igreja com a atualidade, com o cuidado para compreender e buscar a salvação oferecida por Deus, consumada na vinda e no plano salvífico apresentado por Jesus. Contudo, o modernismo, a secularização e tantas heresias presentes atualmente afastam o ser humano de Deus, embora a fé conceda a vitória na luta contra a desesperança, pelo amor, pela compaixão e pela ação da igreja como “sacramento de salvação”. Mesmo quando o ser humano está diante de seu maior medo, seu fim último, a compreensão da escatologia o faz acreditar que sua morte não é motivo para tristeza e dor, mas para a salvação oferecida por Deus em sua morada celestial, lugar de felicidade plena, da escatologia revelada por Jesus Cristo!

A Salvação resulta da busca de uma vida inteira do cristão, como recompensa oferecida pelo próprio Jesus pela dedicação daquele que nele crê, o encontro definitivo com o Pai, o Filho e todos os anjos e santos, a mais pura e profunda realização do homem, na qual o “cristão, que une sua própria morte a de Jesus, vê a morte como um caminhar ao seu encontro e uma entrada na vida eterna [...]. Que possas ver teu redentor face a face e possas contemplar a Deus pelos séculos dos séculos.” (CIC, n. 1020).

A busca pela salvação faz compreender melhor os fins últimos do ser humano, que passa a ter como objetivo o Céu, a vida eterna, a partir do entendimento de que precisa preparar e seguir os passos de Jesus, o salvador, se almeja a redenção eterna. Porque o ser humano desobedeceu a Deus, pelo pecado cometido por Adão e Eva, Deus, por misericórdia, enviou seu próprio filho Jesus para uma reconciliação, possível pela obediência de Maria, que se entregou

aos planos do Pai. Assim, o próprio Deus, por amor à humanidade, oferece perdão dos pecados e salvação de todo gênero humano por meio da redenção de Cristo.

### Referências bibliográficas

ADORNO, Catarina Fieschi. **Tratado do Purgatório**. 1. ed. São Caetano do Sul: Santa Cruz Editora e Livraria, 2019.

AQUINO, Felipe Rinaldo Queiroz de. **O cristão diante da morte**. 3. ed. Lorena: Cléofas, 2017.

AQUINO, Felipe Rinaldo Queiroz de. **O Purgatório — O que a Igreja ensina**. 3. ed. Lorena: Cléofas, 2007.

BENTO XVI. **A Misericórdia Divina**. 4. reimpr. 11. ed. São Paulo: Paulinas, 2016.

BENTO XVI. **Spe Salvi**. 7. ed. 6. reimpr. São Paulo: Paulinas, 2018.

BÍBLIA. Português. *In*: Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

BLANK, Renold J. **Escatologia da pessoa: vida, morte e ressurreição (Escatologia I)**. 11. reimpr. São Paulo: Paulus, 2000.

BLANK, Renold J. **Escatologia do mundo: o projeto cósmico de Deus (Escatologia II)**. 5. reimpr. São Paulo: Paulus, 2001.

BOFF, Clodovis M. **Escatologia: breve tratado teológico-pastoral**. São Paulo: Ave-Maria, 2012.

CARDOSO, E. A. O. *et al.* Efeitos da Supressão de Rituais Fúnebres Durante a Pandemia de COVID-19 em Familiares Enlutados. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, n. 28, e3361, set. 2020. DOI <https://doi.org/10.1590/1518-8345.4519.3361>

CATECISMO da Igreja Católica (CIC). São Paulo: Loyola, 2000.

CERVELIN, A. F.; KRUSE, Maria Henriqueta Luce. Espiritualidade e Religiosidade nos Cuidados Paliativos: Produzindo Uma Boa Morte. **Revista de Enfermagem UFPE On-line**, Recife, p. 7615-7624, abr. 2015. Suplemento 3. DOI: <https://doi.org/10.5205/1981-8963-v9i3a10501p7615-7624-2015>

COELHO, R. A. Para uma correta compreensão do homem, composto de corpo, alma e espírito. **Reveleto — Revista Eletrônica Espaço Teológico**, São Paulo, v. 10, n. 17, p. 84-93, jan./jun. 2016. DOI <https://doi.org/10.23925/2177-952X.2016v10i17p84-93>

CONCÍLIO VATICANO II. Cidade do Vaticano. **Lumen Gentium**. 1962-1965. Disponível em: [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19641121\\_lumen-gentium\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html). Acesso em: 19 out. 2021.

CONCÍLIO VATICANO II. Cidade do Vaticano. **Gaudium et Spes**. 1962-1965. Disponível em: [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651207\\_gaudium-et-spes\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html). Acesso em: 19 out. 2021.

COSTA, M. R. N. A relação corpo-alma no homem, segundo Santo Agostinho: dualismo ou unidade substancial. **Enrahonar**, [s.l.], p. 185-204, 2018. Supplement Issue. Disponível em: <https://docplayer.com.br/108554845-A-relacao-corpo-alma-no-homem-segundo-santo-agostinho-dualismo-ou-unidade-substancial-1.html>. Acesso em: 19 out. 2021.

DANTAS, C. R. *et al.* O luto nos tempos da COVID-19: desafios do cuidado durante a pandemia. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 509-533, jul./set. 2020. 2020. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/1415-4714.2020v23n3p509.5>

EDITORA Intersaberes (org.). **Teologia Sistemática**. Curitiba: InterSaberes, 2014.

FRANCISCA ROMANA, Santa. **Tratado do inferno**. 2. ed. São Caetano do Sul: Santa Cruz Editora e Livraria, 2019.

FRANCISCO. **Amoris Laetitia**. São Paulo: Edição Loyola, 2016.

FRANCISCO. **Evangelii Gaudium**. São Paulo: Edição Loyola, 2013.

FRANCISCO. **Laudato Si**. São Paulo: Edição Loyola, 2015.

FRANCISCO. **Placuit Deo**. Vaticano, [s.d.]. Disponível em: [http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_20180222\\_placuit-deo\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20180222_placuit-deo_po.html) Acesso em: 19 out. 2021.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**. Trad. Paulo Menezes. São Paulo: Martins Fontes, 1981. Disponível em: [https://cursosextensao.usp.br/pluginfile.php/48564/mod\\_resource/content/1/Texto%20base.pdf](https://cursosextensao.usp.br/pluginfile.php/48564/mod_resource/content/1/Texto%20base.pdf). Acesso em: 19 out. 2021.

MAIA, B. B. *et al.* **E os que ficam?** Cartilha de orientações sobre o luto decorrente da morte de um ente querido no contexto da covid-19. 1. ed. Araraquara: Padu Aragon, Editor, 2021. 28 p. Disponível em: [e-os-que-ficam-cartilha-de-orientacoes-sobre-o-luto-decorrente-da-morte-de-um-ente-querido-no-contexto-da-covid-19-padu-2021.pdf](https://www.unesp.br/portal/arquivos/pdf/e-os-que-ficam-cartilha-de-orientacoes-sobre-o-luto-decorrente-da-morte-de-um-ente-querido-no-contexto-da-covid-19-padu-2021.pdf) (unesp.br). Acesso em: 19 out. 2021.

NASCIMENTO, Rivaél de Jesus. **Escatologia**: sentido da vida e esperança. Curitiba: InterSaberes, 2020. (Princípios de Teologia Católica).

OLIVEIRA, E. N. *et al.* “Aquele adeus, não pude dar”: luto e sofrimento em tempos de COVID-19. **Enfermagem em Foco — Revista Oficial do Conselho Federal de Enfermagem**, Sobral, v. 11, n. 2, p. 55-61, 2020. DOI <https://doi.org/10.21675/2357-707X.2020.v11.n2.ESP.4203>

SCHNEIDER, Theodor (org.). **Manual de Dogmática**. Petrópolis: Vozes, 2000. v. 2.



SUNDE, R. M.; SUNDE, L. M. C. Luto familiar em tempos da pandemia da Covid-19: dor e sofrimento psicológico. **Interfaces**, Juazeiro do Norte, v. 8, n. 3, p. 703-710, jun./ago. 2020. DOI <http://dx.doi.org/10.16891/2317-434X.v8.e3.a2020.pp703-710>

### **Siglas e abreviações**

AP - Apocalipse

CIC - Catecismo da Igreja Católica

1COR, 2COR – Primeira e Segunda Cartas aos Coríntios

DV - *Dei Verbum*

DT – Deuteronômio

ECL – Eclesiastes

GS - *Gaudium et Spes*

GN – Gênesis

Hb - Hebreus

LG - *Lumen Gentium*

LS - *Laudato Si*

JO – João

MT – Mateus

MC – Marcos

1PD, 2PD – Primeira e Segunda Carta de Pedro

PD - *PlacuitDeo*